

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA –
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

9,0

**CONSCIÊNCIA ÉTICA E PRÁTICA DOCENTE: UM CAMINHO PARA A
MELHORA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA**

NEUZELI DUARTE ALEXANDRE

Orientador: Prof. Ilso Fernandes do Carmo.

CÁCERES/2008

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA –
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**CONSCIÊNCIA ÉTICA E PRÁTICA DOCENTE: UM CAMINHO PARA A
MELHORA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA**

NEUZELI DUARTE ALEXANDRE

Orientador: Prof. Ilso Fernandes do Carmo.

*“Monografia apresentada como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Psicopedagogia”.*

CÁCERES/2008

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA –
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

Prof. Ilso fernandes do Carmo

RESUMO

Esta monografia propõe por meio de pesquisa bibliográfica investigar acerca da temática, *Ética*. Para tanto foi realizado levantamento bibliográfico; conceitos e reflexões emitidos por autores como Vásquez (1998), Perrenoud (2000), Freire (2001), Hermann (2001), Bressani (s.d), Magalhães (s.d) entre outros, discutiram o que consideram básico para a formação do comportamento moral do indivíduo, principalmente quando envolve questões de formação de condutas e de relações interpessoais. Assim, a pesquisa teve como objetivo analisar como se dá o comportamento moral desses profissionais em sua prática, tendo em vista a dimensão do trabalho docente, no qual comporta elementos de cunho moral, no qual possui como finalidade principal à formação do cidadão para viver em sociedade. Dessa maneira, observamos que o profissional da educação tem enfrentado diversas barreiras, tendo em vista que a prática em si não é uma tarefa fácil; o relacionamento interpessoal vem ser a chave para o sucesso do trabalho docente; neste sentido buscamos a fundo desvendar esse “*universo*” que para uns ainda encontra-se obscuro. O *aprender a viver juntos*, assim como a *ética* se tornou tema ecumênico em nossos dias. Destacamos nessas reflexões a necessidade de compreensão de si mesmo para então compreender o outro; são noções que realmente precisam estar dentro dos ambientes de formação humana. Essa distância entre os seres; o desrespeito pelas diferenças, talvez esteja ligado ao desconhecimento de si mesmo. O trabalho busca esclarecer essa obscuridade, levando o leitor a refletir sobre suas ações e como o mesmo lida com situações de conflitos; no qual o mesmo passa a vê-lo não como “eu” por si só, mas como uma parte do universo. A realização deste trabalho possibilitou a compreensão da Ética e sua importância para a formação do profissional da educação; concluindo que a

realização do mesmo trouxe significativas contribuições para refletir sobre a ética profissional e a importância de compreender a “*antítese*” eu e outro, especialmente na educação, e, acima de tudo a tomada de consciência dos papéis do professor enquanto formador de opinião e mediador de aprendizagem, o qual precisa viver eticamente no contexto profissional, pois o seu papel é considerado o de “*Sujeito de transformação social*”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
 CAPÍTULO I	
A ÉTICA.....	09
1.1 Conceitos Básicos.....	09
1.2 Doutrinas Éticas.....	12
1.2.1 Ética Grega	13
1.2.2 Ética Cristã Medieval	16
1.2.3 Ética Moderna.....	17
1.2.4 Ética Contemporânea.....	20
1.3 A importância da Ética e suas crises na sociedade atual	24
 CAPÍTULO II	
ÉTICA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS PARA APRENDER A VIVER JUNTOS.....	28
2.1 Relações e aproximações conceituais.....	28
2.2 Os quatro pilares da Educação e a possibilidade de aprender a viver juntos	33
2.3 A visão compartilhada da Educação e o caminho para a condição de aprender a viver juntos	35
 CAPÍTULO III	
A ÉTICA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....	38
3.1 A compreensão do “eu” e do “outro”	38

3.2 O resgate do amor e da ética nas relações 41

3.3 Aprender a superar conflitos interpessoais 43

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 46

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 48

INTRODUÇÃO

Este trabalho final de pós-graduação origina-se pelo interesse em investigar por meio de pesquisa bibliográfica como ocorre o comportamento moral dos profissionais da educação face às responsabilidades da profissão e sua compreensão em questões de *Relacionamento Interpessoal*. Acredito que a Ética como estudo, contribui para que o indivíduo se torne uma pessoa mais equilibrada e também sensata ao agir; pois proporciona reflexões que leva o sujeito a compreender suas ações no mundo e se essas ações estão de fato fazendo o bem ou o mau para o próximo.

De acordo com VÁSQUEZ (1998), entende-se que “*a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é a ciência de forma específica de comportamento humano [...] (p. 12)*”.

Partindo dessa afirmação, justificamos a preocupação em estar investigando as relevâncias desse conhecimento para a prática docente, mostrando através de várias concepções o que devemos fazer para “*aprender a viver juntos*” superando os conflitos interpessoais.

O trabalho em si leva os profissionais da educação a analisar suas maneiras de pensar a sua ação de relacionar-se com o outro, e se realmente possuem consciência da tamanha responsabilidade que a profissão educacional oferece, e até que ponto uma boa ou má *Relação Interpessoal* poderá interferir no desempenho do seu trabalho.

O desenvolvimento desse trabalho teve num primeiro momento à necessidade de fazer abordagens históricas sobre a Ética, buscando em diversos autores a possibilidade de

compreender o processo de mudança da moral no tempo. Faremos uma “viagem” ao passado, em busca de compreender o processo da moral desde a antiga Grécia até aos dias atuais.

No segundo capítulo apresentamos especificamente a Ética na educação, buscando compreender o processo educativo, as dificuldades da profissão e os desafios para *aprender a viver juntos*. Dentre essas dificuldades, abordamos as discussões que estão sendo feitas em relação à ética profissional e a importância do bom relacionamento interpessoal no contexto educacional. Nesse sentido ressaltamos a necessidade de conhecer o “Sustentáculo da Educação no séc. XXI *“Os Quatro Pilares da Educação”*” que vem propiciar ao indivíduo uma educação para toda a vida.

Com isto, no terceiro capítulo destinado as *Relações Interpessoais*, abordamos questões especificamente psicopedagógicas; dentre elas: a importância do outro em nossas vidas, a importância do amor nos relacionamentos e como superar conflitos interpessoais; conhecimentos relevantes e presentes na realidade dos professores.

Estabelecendo relações teóricas entre a ética e as relações interpessoais, observamos que esses conhecimentos estão estritamente ligados e presentes na realidade dos professores e que os mesmos precisam ser discutidos com mais precisão, tanto na formação inicial, como na formação continuada; pois estabelecem conexão com questões de cunho moral e ético.

Diante das contribuições desse trabalho, outros olhares poderão ser projetados para a discussão teórica em torno da questão: *Ética na formação de professores*, tendo em vista que são questões atualmente discutidas e que precisam ser tratadas com mais relevância, pois a profissão em si tem a responsabilidade de formar cidadãos – para isso é relevantes profissionais capacitados em seu papel e, sobretudo conscientes que um bom trabalho só será possível através de um bom relacionamento interpessoal.

Portanto, este trabalho irá nos “levar” para o “mundo” do comportamento moral do professor; buscando compreender situações de conflitos e de superações desses profissionais, explorando seu universo, e, sobretudo, reflexões que precisam ser valorizadas no relacionamento com o outro.

CAPÍTULO I

A ÉTICA

1.1 CONCEITOS BÁSICOS

A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é a ciência de forma específica de comportamento humano [...]”. (VÁSQUEZ, 1998, p, 11).

Partindo desta concepção de que a ética é a ciência que estuda o comportamento humano, é relevante compreender que a mesma tem suas raízes no campo da moral. Ou seja, a ética é a ciência e a moral o objeto de estudo dessa ciência. Logo, “[...] *ética e moral se relacionam, pois como uma ciência específica e seu objeto [...]”* (ibidem, 1998, p, 14).

A palavra moral vem do latim *mos* ou *mores*, “costume” ou “costumes”, está relacionada com o conjunto de normas ou regras adquiridas por hábitos. A ética vem do grego *ethos*, que significa “modo de ser” ou “caráter”, também forma de vida adquirida por hábitos.

Observa-se que aparentemente ética e moral parecem ser a mesma coisa. No entanto, como qualquer outra ciência a ética também se defronta com fatos, experiências já existentes no campo da moral e partindo delas, busca a essência da moral, procura entender sua origem, sua natureza e assim compreender e justificar os juízos que regem a moral. Nesse sentido, mesmo que ética e moral estejam estritamente ligadas não podemos confundi-las, pois “[...] *a ética não cria a moral [...]”* (ibidem, 1998, p, 12) sendo que a ética esta relacionada às questões gerais de caráter teórico, ela existe para explicar, investigar algo que não está ao alcance do indivíduo, como exemplo, definir o que é o bem, ou, o que fazer para

ser bom; essas questões são consideradas problemas teórico-morais ou éticos, diferentes de problemas prático-morais que são resolvidos pelos indivíduos com a ajuda de uma norma que o mesmo conhece e aceita. . Portanto, a ética se inclui mais no campo da reflexão sobre a prática moral do indivíduo, tanto individualmente, quanto socialmente.

Ao longo dos tempos a moral se fez presente no comportamento dos homens e a consideramos parte da história de todas as sociedades, pois a mesma só pode existir quando os indivíduos agem moralmente e em sociedade, sendo possível apenas quando há o envolvimento dos mesmos com outros indivíduos. Nesse contexto de inter-relação social, VÁSQUEZ (1998, p, 2) comenta que “[...] a moral existe necessariamente para cumprir uma função social”. Portanto, a ética como ciência que estuda a moral também faz parte da história, considerando que o estudo das sociedades primitivas feitas pelos antropólogos, os estudos feitos pela sociologia em relação às sociedades de forma geral, também contribuíram para a história da moral, pois não se pode estudar uma sociedade sem antes conhecer o comportamento moral da mesma. No entanto, porque conhecer a história do comportamento humano? Neste sentido a ética tem uma relação estreita com a cultura das sociedades, já que ela se preocupa com os hábitos, os valores, o comportamento e os costumes de um povo. Eis que para se ter esse conhecimento é necessário recorrer à história.

VÁSQUEZ (1998) dizia que a visão histórica da ética como ciência pode nos proporcionar, se realmente houve progresso no comportamento moral dos homens em sociedade; e juntamente com outras ciências que estudam o comportamento humano a ética pode nos proporcionar uma visão ainda mais ampla desse contexto. Assim,

‘Desta maneira, a ética tende a estudar um tipo de fenômenos que se verificam realmente na vida do homem como ser social e constituem o que chamamos de mundo moral; ao mesmo tempo, procura estudá-los não deduzindo-os de princípios absolutos ou apriorísticos, mas afundando suas raízes na própria existência histórica e social do homem’ (ibidem, 1998, p, 16).

O estudo da ética iniciou há muitos séculos atrás por filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles e prosseguiu no decorrer dos tempos por pensadores a exemplo: Rousseau, Kant e outros. Atualmente, se percebe que o campo de estudo da ética não mais se limita a Filosofia, pois outras ciências como Psicologia, Antropologia, Sociologia, Biologia dentre outras, também desenvolvem estudos no campo da ética, porém é relevante considerar que o objeto específico de estudo da ética se dá no comportamento moral do homem.

Contudo, percebe-se que a ética existe desde o princípio do mundo quando é analisada do ponto de vista religioso, que se dá a partir da existência de Adão e Eva, pelo

qual, segundo a Bíblia sagrada foram os primeiros seres humanos a transgredirem um código de ética, considerado uma lei divina. Logo, temos também “Os dez mandamentos de Moisés” que também foi dado por Deus com o intuito que o homem seguisse uma regra ou lei, pelos quais muitos cometiam transgressões que eram denominados de “pecado”. Ainda hoje, no mundo atual muitos ainda estão ligados às questões religiosas e se submetem aos dogmas impostos pelas igrejas, visto que esses costumes ultrapassaram séculos e ainda continuam presentes na vida de muitos indivíduos. Segundo Hermann (2001) em uma concepção histórica,

“Os ideais éticos gregos buscam a plena e perfeita realização humana, a ser obtida segundo a razão, enquanto que a tradição cristã traz ideais em que o homem depende totalmente de um Deus único e criador, que revela como o verdadeiro fim. A ética cristã encontra em Jesus Cristo o modelo absoluto de perfeição humana [...]” (p, 30).

Percebe-se que além da ética (ciência), a existência da moral também já se fazia presente no comportamento do homem desde o início dos tempos se olharmos numa visão religiosa. Neste sentido a consideramos histórica, já que, todavia o homem também é um ser histórico e a moral só pode existir no envolvimento do homem com outros homens. Então desde que o mundo é mundo, e a existência do homem já se fazia presente, percebe-se também a existência da moral.

Vásquez diz:

“Assim como as sociedades sucedem a outras, também as morais concretas, efetivas, se sucedem e substituem umas às outras. Por isso, pode-se falar da moral da Antiguidade, da moral feudal própria da Idade Média, da moral burguesa na sociedade moderna, etc. Portanto, a moral é um fato histórico e, por conseguinte, a ética, como ciência da moral, não pode concebê-la como dada de uma vez para sempre, mas tem de considerá-la como um aspecto da realidade humana mutável com o tempo. Mas a moral é histórica precisamente porque é um modo de comportar-se de um ser – o homem – que por natureza é histórico, isto é, um ser cuja característica é a de estar se fazendo ou se autoproduzindo constantemente tanto no plano de sua existência material, prática, como no de sua vida espiritual, incluída nesta a moral”. (1998, p, 24).

Veja que a ética muda no decorrer do tempo, porque os valores, e mesmo o comportamento humano já não são os mesmo em determinadas épocas.

A ética é uma característica importante a toda ação humana e, por esta razão é um elemento vital na produção da realidade social. Todos nós possuímos uma espécie de “consciência moral”, pois estamos freqüentemente avaliando e julgando nossas ações para saber se são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas. No entanto, “[...] como o

homem é por natureza um ser racional, a virtude ou comportamento ético é aquele em que há domínio da razão sobre os impulsos” (HERMANN, 2001, p, 16).

A idéia de ser bom não vem ser sinônimo de perfeição, pois todos estamos sujeitos às paixões ditas por Aristóteles, que por sua vez compreendeu: “[...] *não basta saber o que é o bem para fazê-lo, porque às paixões podem impedir a sua realização*” (apud *ibidem*, 2001, p, 11).

Nesta mesma idéia Rousseau também dizia “[...] *quero e não quero, sinto-me ao mesmo tempo escravo e livre; vejo o bem, amo-o e faço o mal*” (apud *ibidem*, 2001, p, 11).

A ética como ciência do comportamento moral do homem, proporciona reflexões sobre os hábitos dos indivíduos, para torná-lo virtuoso, e assim contribuindo para a moderação das suas paixões. Sendo assim, “[...] *as virtudes éticas são resultados do hábito, de um exercício constante, e tem seu enraizamento nos costumes. Constituem-se em obra da vontade livre, o que requer esforço voluntário e submissão das paixões à razão [...]*” (*ibidem*, 2001, p, 16).

1.2 DOUTRINAS ÉTICAS

Tendo em vista que a ética faz parte da história, visando o estudo do comportamento humano num processo histórico-social, é relevante entender esse mesmo processo da moral no tempo, tomando como ponto de partida as suas diversidades e buscando compreender a moral de cada sociedade, caracterizada por um conjunto de normas, regras e valores. Sendo assim, pode-se estudar o comportamento dos indivíduos desde os povos primitivos, orientais, egípcios, etc; buscando compreender e explicar a razão de ser dessas diferentes sociedades e, sobretudo, as divergências e convergências prático-morais do homem ao longo do tempo. No entanto, para que possamos compreender essas mudanças de comportamento histórico-social é relevante conhecer um pouco mais sobre as doutrinas éticas. VÁSQUEZ diz:

“As Doutrinas Éticas fundamentais nascem e se desenvolvem em diferentes épocas e sociedades como respostas aos problemas básicos apresentados pelas relações entre os homens, e, em particular, pelo seu comportamento moral efetivo. Por isto, existe uma estreita vinculação entre os conceitos morais e a realidade humana, social, sujeita historicamente à mudança. Por conseguinte, as doutrinas éticas não podem ser consideradas isoladamente, mas dentro de um processo de mudança e de sucessão que constitui propriamente a sua história [...]”. (1998, p, 228).

Neste caso observamos que as doutrinas éticas possuem uma historicidade, cabendo então classificá-las em: Ética Grega, Ética Cristã Medieval, Ética Moderna e Ética Contemporânea.

1.2.1 ÉTICA GREGA

Os problemas éticos tinham uma atenção especial, principalmente quando se tratava da vida política; essas questões relacionadas à moral tiveram início na antiga Grécia, particularmente em Atenas. Sendo assim, seguem algumas reflexões que buscavam compreender o estudo do comportamento humano:

I. Os Sofistas – Movimento intelectual da Grécia do século V. O vocábulo “sofista”¹ etimologicamente vem de *sophos* que significa mestre ou sábio, ou seja, professor de sabedoria. Possui também uma semelhança à palavra grega *Sofia* (sabedoria). Os sofistas não acreditavam no saber de forma que pudessem compreender o mundo como um todo; seus interesses se voltavam especificamente em saber a respeito do homem, particularmente político e jurídico. Tinham uma arte de convencer, na qual usavam palavras de má fé, com o intuito de enganar as pessoas e diziam que a virtude pode ser transmitida ou ensinada.

Assim,

“Esta arte de persuadir é desenvolvida e transmitida pondo em dúvida não só a tradição, mas a existência de verdades e normas universalmente válidas. Não existe nem verdade nem erro, e as normas – por serem humanas – são transitórias. Protágoras cai assim no relativismo ou subjetivismo (tudo é relativo ao sujeito, ao “homem, medida de todas as coisas”), Geórgias sustenta que é impossível saber o que existe realmente e o que não existe”. (VÁSQUEZ, 1998, p, 230).

A ética sofista teve como base definir o homem como a medida de todas as coisas; ou seja, a centralização das atenções no homem e não nos deuses da época. Outra questão se relacionava ao ensino da oratória, que era um discurso baseado no convencimento, na persuasão; e não se preocupavam com a busca pela verdade como foi em Sócrates.

II. Sócrates (470 – 399 a. C) – Considerado mestre de Platão; não existe nada escrito através dele, pois foi acusado de corromper a juventude ateniense de impiedades, foi condenado ao suicídio sendo obrigado a beber veneno (cicuta) e morre em 399 a.C. É contra o relativismo e o subjetivismo dos sofistas, pois defende a idéia de que o homem só age mal quando desconhece o bem; ou seja, somente o ignorante não é virtuoso. No entanto, a ética socrática é

¹ Sofisma. Argumento falso formulado de propósito para induzir em erro. §sofista *adj.* Dicionário AURÉLIO. 1988.

racionalista, quando diz que o homem deve conhecer o que é o bem e o bom para agir retamente.

Resumindo, VÁSQUEZ diz:

“[...] para Sócrates, bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam estreitamente. O homem age retamente quando conhece o bem e, conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo; por outro lado, aspirando ao bem, sente-se dono de si mesmo e, por conseguinte, é feliz”. (1998, p, 231).

A ética em Sócrates tem relação com o método à ironia e a maiêutica; só posso despertar nas pessoas o que nelas já existe; ninguém ensina nada a ninguém. A busca pela verdade é fundamental. Ele também trabalhava o convencimento através do discurso, contanto que a verdade fosse dita, sem mentiras e sem falsidades.

III. Platão (427 – 347 a. C) - Discípulo de Sócrates e responsável pela publicação das idéias do mesmo. Para Platão a ética está relacionada com as questões políticas (sociais); ou seja, para ele o comportamento do indivíduo só é possível na *pólis* (estado) “terreno próprio da vida moral”. Sua ética depende da sua concepção metafísica; ou seja, o dualismo entre o mundo sensível (CORPO) e o mundo das idéias (ALMA), sendo que a sua doutrina da alma; *“[...] princípio que anima ou move o homem [...]” (VÁSQUEZ, 1998, p, 231)*; divide-se em três partes: razão, vontade ou ânimo, e apetite (desejo); por outro lado temos o corpo que também se divide em três partes: cabeça, peito e baixo-ventre.

Para Platão o Estado era como o ser humano, sendo que também era dividido em três partes: governantes, sentinelas e trabalhadores. Assim o bom Estado como o corpo humano, era sempre dirigido pela cabeça (governantes) e, sobretudo pela razão (faculdade da alma) e princípio que move o homem. Assim, vemos abaixo como se dava o comportamento moral do bom Estado (*pólis*) na idéia de Platão:

CORPO	ALMA	VIRTUDE	ESTADO
Cabeça	Razão	Sabedoria	Governantes
Peito	Vontade	Coragem	Sentinelas
Baixo-ventre	Desejo	Temperança	Trabalhadores

Assim,

“ Pela razão, como faculdade superior característica do homem, a alma se eleva – mediante a contemplação – ao mundo das idéias. Seu fim último é purificar ou libertar-se da matéria para contemplar o que realmente é e, sobretudo a Idéia do Bem. Para alcançar esta purificação, é preciso praticar várias virtudes, que correspondem a cada uma das partes da alma e consistem no seu funcionamento perfeito: a virtude da razão é a prudência; a da vontade ou ânimo, a fortaleza; e a do apetite, a temperança. Estas virtudes guiam ou refreiam uma parte da alma” (ibidem, 1998, p, 231, 232).

IV. Aristóteles (384 - 322 a. C) – Discípulo de Platão em Atenas; sua ética era também racionalista, pois acreditava que o homem só poderia alcançar a felicidade pela razão. Sendo que a vida só acontece através dos hábitos adquiridos constantemente denominados virtudes; ou seja, não era um dom inato no indivíduo. Neste caso a ética de Aristóteles define o homem como se fosse ao mesmo tempo racional e irracional, sendo as virtudes divididas em duas classes: intelectuais ou *dianoéticas* (parte racional – razão) e práticas ou éticas (paixões - desejos). Sendo assim a virtude se localiza entre os dois termos, mantendo assim o equilíbrio entre o razão e a ação. Por sua vez, Aristóteles assim define o homem virtuoso (bom) e suas paixões:

RAZÃO

VIRTUDE (equilíbrio)

PAIXÕES (desejos)

Portanto, como já havíamos dito anteriormente, assim Aristóteles compreende o que é ser bom: “[...] *não basta saber o que é o bem para fazê-lo porque as paixões podem impedir a sua realização*” (apud HERMANN, 2001, p, 11). Desta forma, através da razão, o homem consegue impedir o domínio das paixões, sendo assim, considerado bom.

Assim como Platão, Aristóteles por sua vez também acreditava numa ética unida à filosofia política; ou seja, a moral só pode existir na comunidade social e política, vivendo na cidade ou *pólis* (estado). Portanto numa concepção aristocrática VÁSQUEZ diz:

“[...] somente os deuses ou os animais não têm necessidade da comunidade política para viver; o homem, entretanto, deve necessariamente viver em sociedade. Por conseguinte, não pode levar uma vida moral como indivíduo isolado, mas como membro da comunidade. Por sua vez, porém, a vida moral não é um fim em si mesmo, mas condição ou meio para uma vida verdadeiramente humana: a vida teórica na qual consiste a felicidade”. (1998, p, 234).

Para Aristóteles o homem é um animal político, nasceu para viver em sociedade com os outros.

V. Estóicos e Epicuristas – Surgem depois da decadência e ruína do mundo grego-romano. O estoicismo tem como representantes Zenão de Citio, na Grécia, e Sêneca, Epíteto e Marco Aurélio, em Roma; já o epicurismo é representado por Epicuro, na Grécia, e por Tito Lucrécio Caro, em Roma. Para ambos a moral já não existe mais na *pólis*, mas no universo.

Para os estóicos o mundo ou cosmos considerado único, pelo qual tem Deus como princípio alma ou razão; sendo assim, Deus é o seu coordenador. Nessa concepção o homem sábio deve aceitar o seu destino, viver de acordo com a natureza e se livrar das paixões (desejos), afetos interiores e exteriores, pois tudo o que acontece no mundo provém da vontade de Deus. E aquele que assim viver, estará nele o bem supremo; em consequência

desse bem, se tornando um indivíduo moral sem precisar da comunidade, pois é cidadão do cosmo, não da *pólis*.

Nesta fase, a ética se encontra entrelaçada com a *física* (que também é a natureza) e com o *logos* (a razão). Também os estóicos falaram sobre as paixões, que eles viam como uma doença, pois criava raízes na alma humana. Por isso a ética serviria como remédio para a alma; talvez não curasse a doença, mas aliviava a dor e o sofrimento causado pelas paixões.

Os Epicuristas têm como concepção ética, o prazer como princípio e fundamento da vida moral. Mas nem sempre todos os prazeres são bons. No entanto, é relevante escolher entre eles os mais duradouros e estáveis. Neste caso, não devemos escolher os corporais e sim os espirituais, pois é considerado bom para a paz da alma.

O saber, a busca pelo conhecimento seria um prazer bom, no sentido epicurista. Mas é interessante notar que a dor e o sofrimento, em alguns casos pode ser prazeroso, quando possui o sentido do aperfeiçoamento da alma humana.

1.2.2 ÉTICA CRISTÃ MEDIEVAL

Surge com o desaparecimento da sociedade antiga. Nesta fase, a união da igreja com o Estado contribuiu para a expansão do cristianismo (de modo especial à igreja católica); a obrigatoriedade no cumprimento das leis, neste caso, tinha o domínio da cúpula da igreja católica. No entanto, o cristianismo se fortalece, sendo que no Séc. IV torna-se a religião oficial de Roma.

Nessa época, o regime cristão já não era mais de servidão e sim escravidão; pois a sociedade já se encontra fragmentada, econômica e politicamente, tendo em vista que a religião garantia uma postura de poder; a política torna-se dependente da Igreja Católica, pela qual o domínio espiritual já passa a ser na vida intelectual da sociedade; visto que a dificuldade do desenvolvimento da ciência na época não podia fugir dos parâmetros religiosos, como foi o caso dos dogmas² religiosos. Neste período, pode-se dizer que a razão estaria a serviço da fé; e neste sentido, a ética, também passa a ser sinônimo de religião, e por sua vez, revestida de conteúdo religioso, sendo manifestada por toda a sociedade medieval.

² Ponto fundamental e indiscutível de doutrina religiosa e, de qualquer doutrina ou sistema. *Dicionário AURÉLIO*. 1988.

A ética cristã é estabelecida como a filosofia geral; seu contexto parte de explicações a respeito de Deus e o que fazer para obter a salvação. O homem sendo criatura de Deus deve obedecer aos mandamentos, sendo que Dele provém o homem e todo o seu comportamento, neste incluso a moral.

Embora o cristianismo colocasse que todos eram iguais diante de Deus, a desigualdade nessa época era clara, pois assim como na ética platônica o conhecimento e as virtudes eram direcionados apenas a uma minoria da comunidade, sendo essa a elite; na ética cristã medieval o conhecimento era limitado e “dominado” pela Igreja Católica, pela qual os filósofos cristãos também tinham o seu conhecimento dirigido pela religião, sua ética já se tornava incumbida de conteúdos religiosos. Portanto toda a sociedade era sujeitada a obedecer às normas da igreja, caso contrário seria punida. Nessa fase o homem moral já não se define na comunidade (*pólis*) e sim com o seu relacionamento diante de Deus. Assim,

“ O cristianismo pretende elevar o homem de uma ordem terrestre para uma ordem sobrenatural, na qual possa viver uma vida plena, feliz, e verdadeira, sem as imperfeições, as desigualdades e injustiças terrenas. Propondo a solução de graves problemas do mundo num mais além, o cristianismo introduz uma idéia de uma enorme riqueza moral: a da igualdade dos homens. Todos os homens sem distinção – escravos e livres, cultos e ignorantes – são iguais diante de Deus e são chamados a alcançar a perfeição e a justiça num mundo sobrenatural ” (VÁSQUEZ, 1998, p, 237).

Essa igualdade entre os homens era vista somente na questão espiritual; ou seja, iguais somente perante Deus ou no futuro num mundo sobrenatural. A idéia de igualdade entre os homens acaba virando utopia.

A filosofia nessa época tem como objetivo esclarecer e justificar, já que a mesma, acaba se tornando “serva” da teologia. Neste caso, a ética é impregnada de conteúdos religiosos, visando uma ética totalmente teocêntrica e teológica. Contudo, podemos dizer que neste período, houve uma teologização das filosofias de Platão e Aristóteles.

1.2.3 ÉTICA MODERNA

Em contradição a ética cristã medieval teocêntrica e teológica, pela qual tinha como centro Deus, a ética moderna é antropocêntrica, na qual o homem adquire o seu próprio valor; buscando diversas formas de realizar as suas vontades, inserindo-se em todos os campos na sociedade como: na ciência, na natureza, na arte, etc.

Assim,

“O homem aparece, portanto, no centro da política, da ciência, da arte, e também da vida moral. Ao se transferir o centro de Deus para o homem, este acabará por apresentar-se como o absoluto, ou como o criador ou legislador em diferentes domínios, incluindo nestes a moral”. (VÁSQUEZ, 1998, p, 241).

Nessa época, por volta do séc. XVI até o séc. XIX, a ética moderna obteve o seu domínio; nessa nova sociedade que sucede a sociedade da Idade Média, é caracterizada por diversas mudanças em vários aspectos: econômico, político, social, etc. O aparecimento de uma nova classe social – a burguesia – marca a economia e a política da época, e o desaparecimento fragmentado da sociedade feudal dá início a uma multidão de pequenos Estados. Nesse sentido,

“Na nova sociedade, consolida-se um processo de separação daquilo que a Idade Média unira: a) a razão separa-se da fé (e a filosofia da teologia); b) a natureza, de Deus (e as ciências naturais, dos pressupostos teológicos); c) o Estado, da Igreja; e d) o homem, de Deus”. (ibidem, 1998, p, 240).

VÁSQUEZ relata que nesse mundo moderno que retrata a ética moderna, tudo é feito para que o homem seja o centro; ou seja, o *antropocentrismo* tem um importante papel diante desse novo mundo. Tudo é favorável para que o homem se liberte das questões teológicas³ da Idade Média.

O pensamento ético moderno traz nas idéias de Jean Jacques Rousseau e Immanuel Kant, questões não mais impregnada de conteúdos religiosos. Esses pensadores marcaram o pensamento moderno, pelo qual busca compreender o ato moral como forma de bem; seja naturalmente ou racionalmente, como entenderemos a seguir:

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) – Foi um dos mais considerados pensadores europeus do séc. XVIII. Tinha seu pensamento embasado nas reformas políticas e educacionais da época; acreditava que o homem é bom por natureza, no entanto a sociedade o corrompe, ou seja, o *mal* está na sociedade e o *bem* na natureza. Assim, em sua obra o Livro Primeiro de *Emílio*⁴ (1995, p. 9), Rousseau faz a seguinte afirmação: *“Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem”* (apud HERMANN, 2001, p, 45).

³ Neste sentido temos *Descartes*, como um grande pensador, divisor de águas da ética medieval para a ética moderna. Este pensador matematizou o saber, e, basicamente racionalizou o mundo. Assim, a ética passou a ter uma dimensão racional, não mais teológica como na idade média.

⁴ O grande problema para Rousseau é que o mal provém da própria sociedade. No entanto é nela que vivemos, tornando-se impossível desvencilharmos dela. A educação do *Emílio* vem justamente mostrar a possibilidade de se viver nesta sociedade que é corrupta e cheia de males, de forma boa, ou seja, agir corretamente de acordo como prescreve a natureza. Neste caso o homem não pode ser completamente racional, mas deve aprender com a sua própria natureza como ser bom, já que essa boa vontade se encontra dentro de si mesmo.

Sua proposta era legitimar a educação moderna relacionado-a com natureza e eticidade, buscando dessa maneira radicalizar esse conceito de desenvolvimento natural do homem. HERMANN entende que para Rousseau, “[...] *A natureza deve ser desenvolvida antes que a criança compreenda a exigência da razão*” (2001, p, 45).

No entanto, o processo educativo segundo Rousseau era compreendido em dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e o seu afastamento dos males sociais. Este primeiro forma o homem em sua unidade interior; o segundo acontece quando essa unidade já esteja pronta para que esse cidadão possa encarar as leis do mundo e obter a sua própria liberdade. Assim, HERMANN compreende que para Rousseau “[...] *a liberdade moral do cidadão depende da preparação do homem, pois este só pode dar-se às leis sociais quando for dono de si, pelo domínio das paixões*” (ibidem, 2001, p, 50).

Sendo assim, entende-se que a bondade é um dom inato do homem e a virtude é adquirida numa luta do homem consigo mesmo. Portanto um homem virtuoso

“[...] é aquele que sabe dominar suas afeições, pois então segue sua razão, sua consciência, faz seu dever, mantém-se dentro da ordem e nada o pode afastar-se dela”. Portanto “[...] o princípio de toda moral encontra-se na idéia de uma natureza humana boa, que busca a ordem e a justiça. Rousseau aspira a uma interioridade e a uma liberdade provenientes da natureza, pois ela só “oferecia harmonia e proporções” (ibidem, 2001, p, 45).

Immanuel Kant (1724-1804) – Aparece no final do séc. XVIII; foi citado por VÁSQUEZ como “a mais perfeita expressão da ética moderna” - pela qual obteve um importante papel nessa época, defendendo uma ética universal fundamentada na razão. Ele se contrapõe ao pensamento de Rousseau por não acreditar na existência da “bondade natural”; portando em contrapartida a essas idéias, Kant propõe uma Ética racional e Universal, pela qual era enfatizada o dever moral dos homens. Nesse sentido, Kant dizia que os homens são livres⁵ para fazer o que tem vontade, por sua vez possuidores de uma consciência que o acusa pelos atos praticados contradizendo essa liberdade.

VÁSQUEZ (1998) diz que Kant revolucionou o pensamento filosófico da época por “implantar” a sua ética formal e autônoma,

“[...] puramente formal, tem de postular um dever para todos os homens, independente da sua situação social e seja qual for o seu conteúdo concreto [...]” e autônoma, “[...] por conceber o comportamento moral como pertencente a um sujeito autônomo e livre, ativo e criador[...]” (p, 243).

⁵ Veja que a consciência moral em Kant é criada e desenvolvida pelos homens vivendo em sociedade. É como se disséssemos que quem criou a moral fomos nós mesmos e não Deus. Portanto, a consciência moral depende das máximas boas que cada um de nós assumimos enquanto compromisso moral em relação às outras pessoas. A máxima boa consiste em eu assumir, por exemplo, que fazer o bem é melhor para mim e para a sociedade como um todo. O dever moral existe quando tenho o imperativo categórico universal.

É relevante considerar que o pensamento de Kant é o que mais se parece aproximar ao momento atualmente vivido; considerando questões relacionadas aos “direitos, deveres, sanções”, ou seja, existe uma conduta universal (leis), àquele que a transgredir, sofre as punições devidas.

No entanto, quando o sujeito age corretamente? Ou melhor, dizendo; como podemos saber se esse sujeito fez o bem por livre e espontânea vontade? Nesse sentido é relevante colocar numa concepção kantiana que diz o seguinte: “[...] o único bom em si mesmo, sem restrição, é uma boa vontade” (*ibidem*, 1998, p, 242).

Assim, VÁSQUEZ explica como Kant define essa “boa vontade”:

“A bondade de uma ação não se deve procurar em si mesma, mas na vontade com que se fez. Mas quando é que uma vontade é boa, ou como uma boa vontade age ou quer? É boa a vontade que age por puro respeito ao dever, sem razões outras a não ser o cumprimento do dever ou a sujeição à lei moral. O mandamento ou dever que deve ser cumprido é incondicionado e absoluto; ou seja, o que a boa vontade ordena é universal por sua forma e não tem um conteúdo concreto: refere-se a todos os homens em todo o tempo e em todas as circunstâncias e condições. Kant chama de imperativo categórico a esse mandamento, formulando-o assim: “Age de maneira que possas querer que o motivo que te levou a agir se torne uma lei universal” (1998, p, 243).⁶

Percebe-se que Kant considera ético o indivíduo que faz a bondade seguindo a sua razão no intuito de cumprir um dever ou lei – em obediência a sua consciência moral, sem considerar uma outra lei que poderíamos dizer que viesse ser “própria”, ou seja, “fazer o bem sem olhar a quem”, agir de forma que o tornasse “bom” em respeito a si mesmo e ao próximo, enfim, agir naturalmente como dizia Rousseau, de acordo com a sua natureza, seus desejos e pensamentos. No entanto fazer um bem agindo naturalmente - para Kant não seria agir moralmente; enquanto que agir segundo uma norma, simplesmente por puro cumprimento ao dever, seria, todavia considerado moral e bom. Contudo, a teoria ética de Kant era baseada na teoria da norma⁷, ou seja, da obrigação moral.

1.2.4 ÉTICA CONTEMPORÂNEA

⁶ Veja que a lei moral não é a lei escrita dos códigos, mas da consciência moral. Exemplo: *age de tal forma que suas ações se torne lei universal*. Neste caso, como exemplo, não posso admitir como lei universal o roubo, porque senão eu estaria classificando na categoria do bem que roubar é bom. Isso prejudicaria a convivência humana em comunidades ou sociedades.

⁷ Essa norma também não é a escrita. É uma norma que criamos e isso pelo menos deveria ter um valor universal. Kant entra no campo dos direitos humanos. Sua ética é muito questionada, apesar de possuir uma enorme relevância, por causa exatamente da sua universalidade da ética.

Faz parte da ética contemporânea não somente questões direcionadas com a atualidade, mas, todavia muitos pensadores como Kierkegaard, Stiner, Sartre, Marx, pensadores estes que surgiram por volta do séc. XIX e que ainda são discutidos como forma de compreender os problemas éticos atuais.

Dentre as doutrinas éticas do passado, é relevante ressaltar a grande presença do Existencialismo que foi o pensamento filosófico mais radical. Surgiu em meados do séc. XIX pelo então dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855), pelo qual visava em seu contexto principal à presença da subjetividade. Para Kierkegaard, o individualismo moral é relevante para que o homem possa se autoconhecer visando um entendimento melhor do próprio *eu*. Estão dentro das reflexões subjetivas questões relacionadas à liberdade individual e conseqüentemente a de livre escolha, ou digamos assim, “livre arbítrio”. Assim, VÁSQUEZ explica como Kierkegaard distingue os três estágios na existência individual denominado por ele de: estético, ético e religioso. Nesse sentido,

“O estágio superior é o religioso, porque a fé que o sustenta é uma relação pessoal, puramente subjetiva, com Deus. O estágio ético ocupa um degrau inferior, embora acima do estético; e, no ético, o indivíduo deve pautar o seu comportamento por normas gerais e, por isso, perde em subjetividade, ou seja, em autenticidade. Porque ainda não garante a conquista do homem concreto como indivíduo radical, que só se alcança na religião, a ética não passa de sua antecâmara”. (1998, p, 246).

Numa visão geral, o principal objetivo do existencialismo era a liberdade de escolha, pelo qual o indivíduo era livre para escolher o seu próprio caminho; Kierkegaard diz: *“Eu preciso encontrar a verdade que é verdadeira pra mim [...] a idéia pela qual eu vivo ou morro” (apud COBRA, 2005, p, 02).* É nesse sentido que os existencialistas construíram o seu pensamento com o intuito de cada um escolher o seu próprio caminho sem o auxílio de padrões universais, pelo qual, nestes eram incluso o comportamento moral do indivíduo.

Max Stiner (1806-1856), foi autor de “O único e sua propriedade”, assim como Kierkegaard, Stiner tinha suas idéias embasadas no resgate do homem concreto, possibilitando o seu encontro com o *eu* através das vontades individuais. Stiner defende a idéia de que o homem não precisa mais se sujeitar às normas gerais para pautar o seu comportamento moral, este que perdia em subjetividade em Kierkegaard, agora já não existe mais, pois seu pensamento consiste num egoísmo integral, pelo qual exclui qualquer relação do indivíduo com a sociedade em geral.

Percebe-se que o pensamento individualista de Kierkegaard predomina a época, infiltrando no pensamento de diversos filósofos, embora modificado através da concepção e a crença de cada um.

Nesta mesma linha de pensamento encontramos Jean-Paul Sartre (1905) que procura modificar o pensamento existencialista de Kierkegaard e Stiner. Sartre não acreditava na existência de Deus; distinguindo-se nesse sentido de Kierkegaard; portanto, já seria descartada qualquer relação destinada às normas e valores universais. Enquanto que em relação a Stiner, Sartre considera a necessidade que cada indivíduo possui diante dos outros. No entanto o indivíduo é dono da sua própria liberdade, podendo assim escolher aquilo que achar melhor para si. Nesse sentido, VÁSQUEZ define o pensamento de Sartre:

“...] o homem é liberdade. Cada um de nós é absolutamente livre e mostra a sua liberdade sendo o que escolheu ser. A liberdade, além disso, é a única fonte de valor. Cada indivíduo escolhe livremente e, ao escolher, cria o seu valor. Assim, na medida em que não existem valores objetivamente fundados, cada um deve criar ou inventar os valores ou as normas que guiem o seu comportamento. Mas, se não existem normas gerais, o que é que determina o valor de cada ato? Não é o seu fim real nem o seu conteúdo concreto, mas o grau de liberdade com que se realiza. Cada ato ou cada indivíduo vale moralmente não por sua submissão a uma norma ou a um valor estabelecido – assim renunciaria à sua própria liberdade -, mas pelo uso que faz da própria liberdade. Se a liberdade é o valor supremo, o valioso é escolher e agir livremente”(1998, p, 247).

VÁSQUEZ (1998), coloca que ao mesmo tempo em que Sartre aceita a subjetividade, ou seja, essa busca inconstante pela liberdade, seu pensamento acaba se contradizendo pela maneira que o mesmo acredita na relevância da norma. No entanto ele coloca que é de praxe que o indivíduo saiba usar essa liberdade, caso contrário se tornaria escravo da mesma. Portanto o que resta é o único e absoluto direito da liberdade como “valor supremo”; ou seja, seu pensamento acaba se desviando do conceito de subjetividade totalmente individualista de Kierkegaard e Stiner.

Encontramos também na ética contemporânea, a presença do Pragmatismo – que aparece no final do séc. XIX nos Estados Unidos. Sua filosofia e doutrina ética era embasada no utilitarismo, como forma de utilidade no dia a dia do indivíduo. Portanto questões relacionadas a valores ou normas podiam sofrer variações de acordo com cada situação. Essas idéias foram fundamentadas por CH. S. Pierce, W. James e J. Dewey – com o intuito de afastar do indivíduo, sobretudo questões de cunho especulativo. Assim,

“o pragmatismo, se transforma numa variante utilitarista marcada pelo egoísmo; por sua vez, rejeitando a existência de valores ou normas objetivas, apresenta-se como mais uma versão do subjetivismo e irracionalismo” (VÁSQUEZ, 1998, p, 248).

A Psicanálise e a ética também estão estritamente ligadas dentro dessa nova sociedade contemporânea. As idéias de Sigmund Freud (1856-1939) estiveram presentes na ética contemporânea com o intuito de compreender a personalidade do sujeito, pelo qual Freud coloca que todo e qualquer forma de comportamento humano do homem fica armazenado numa “[...] *zona da personalidade*” cujo nome seria o “*inconsciente*”, pelo qual “*são atirados e se armazenam recordações e desejos ou impulsos reprimidos que lutam para escapar desse fundo obscuro, burlando a “censura” exercida pela consciência*” (ibidem, 1998, p, 249). Portanto Freud diferencia três zonas da personalidade humana: o *id*, o *ego*, e o *superego*. Nessa altura, a sua teoria da psicanálise frisando o estudo do comportamento humano proporcionou uma grande contribuição para a ética e sua forma em compreender o ato moral do homem. Assim,

“[...] se o ato propriamente moral é aquele no qual o indivíduo age consciente e livremente, os atos praticados por uma motivação inconsciente devem ser excluídos do campo moral. A ética não pode ignorar esta motivação e, por isto, deve mostrar que é imoral julgar como moral o ato que obedece as forças inconscientes irresistíveis”.. (ibidem, 1998, p, 249).

Portanto, por outro lado temos From – que acreditava que o comportamento do homem não poderia ser explicado somente pelos instintos como Freud dizia, mas também pelas suas relações com o mundo externo e suas relações sociais. Nesse sentido From faz uma remodelação à psicanálise clássica de Freud, buscando dessa forma uma maior contribuição à ética quando o mesmo faz da psicanálise freudiana uma forma de orientação social.

Nessa época, surge o pensamento marxista; também como uma doutrina ética; pelo qual seu principal expoente foi Karl Marx. O principal objetivo dessa teoria estava em resgatar o homem concreto, que outrora tinha se tornado totalmente isolado de si, da sociedade e até mesmo da própria história em consequência do movimento existencialista. No entanto Marx defendia o homem concreto compreendido em uma só unidade, na qual fazem parte o próprio *eu*, a sua atuação no meio social e sua contribuição através da história. Marx assim define o homem concreto, como: real, social e histórico.

Nesse sentido, VÁSQUEZ compreende o pensamento Marxista:

“[...] o homem real é, em unidade indissolúvel, um ser espiritual e sensível, natural e propriamente humano, teórico e prático, objetivo e subjetivo. O homem é, antes de tudo, práxis: isto é, define-se como um ser produtor, transformador, criador; mediante o seu trabalho, transforma a natureza externa, nela se plasma e, ao mesmo tempo, cria um mundo à sua medida, isto é, à medida de sua natureza humana [...] o homem é um ser social. Só ele produz, produzindo ao mesmo tempo determinadas relações sociais (relações de produção) sobre as quais se elevam as demais relações humanas sem excluir as que constituem a superestrutura ideológica da qual faz parte a moral [...] o homem é um ser histórico. As várias relações que

contrai numa determinada época constituem uma unidade ou formação econômico social que muda historicamente [...] Mudando a base econômica, muda também a superestrutura ideológica e, evidentemente, a moral” (ibidem;1998, p, 251).

Nesta nova fase para a ética, Marx explica e, ao mesmo tempo critica as morais do passado; na ocasião expõem o novo pensamento para a nova moral que condena as morais passadas, deixa de lado as expressões alienadas, transformando-as numa espécie de ligação dos indivíduos em prol de uma sociedade acima de tudo socialista; na qual exige a participação assídua dos homens com o intuito de intervir na transformação dessa nova fase da sociedade pela qual a moral é vista como uma necessidade.

Portanto surge no séc. XX a necessidade de compreender a linguagem moral; estudo iniciado por G. E. Moore em 1903, seu pensamento se volta contra a doutrina ética que define o bom, quando na realidade, Moore não acredita que isso seja possível; no entanto ele só acredita que podemos chegar a uma breve definição do bom apenas por métodos intuitivos. No entanto muitos filósofos considerados positivistas lógicos, no qual era representado pelo inglês Alfred J. Ayer; concluíram que os conceitos éticos na realidade não explicam nada, pois o seu objeto, o bom, o dever, etc., são de caráter emotivos, por isso não tem explicação exata. Nesse sentido chegamos ao então “emotivismo ético”, pelo qual Stevenson – positivista lógico - dizia que “[...] a linguagem ética é não só expressão de emoções, mas produção de emoções nos outros” (ibidem, 1998, p, 254), essa concepção da linguagem moral obteve aprovação de diversos positivistas, dentre eles R. M. Hare, Noweel-Smith e outros. Contudo suas idéias relacionadas com a linguagem moral contribuíram bastante para compreensão das diferenças relacionadas a outras linguagens, influenciando no Direito como forma de persuasão; considerando suas contribuições ainda nos nossos dias.

1.3 A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA E SUAS CRISES NA SOCIEDADE ATUAL

Hoje em pleno séc. XXI, se olharmos para trás, considerando a trajetória do comportamento moral do homem desde a ética antiga, ética medieval, ética moderna e contemporânea - o que realmente mudou em relação ao comportamento do homem? Será que todo esse levantamento histórico deu para percebermos as diferenças do comportamento do homem ao longo dos tempos e seu progresso moral? Houve progresso? Ainda iríamos perceber que algumas doutrinas aqui colocadas ainda conservam muitas de suas normas ou regras.

Estamos vivendo em uma época extremamente confusa, na qual a classe dominante ainda domina a classe trabalhadora; ainda existem diversos preconceitos do homem em relação ao outro. Nesse sentido MESQUITA diz:

“Lamentavelmente, a televisão como meio de comunicação que atinge em maior proporção à população em todas as camadas, desponta na frente como meio que mais distorce a realidade e infiltra na população a ideologia dominante, quando ao invés disso, poderia utilizar tal poder no sentido de esclarecer, educar e conscientizar a população, almejando uma sociedade igualitária onde o branco, o negro, o rico e o pobre tenham direitos iguais”. (2005., p, 04).

Quando falamos em ética, logo pensamos em respeito, bondade, deveres, direitos, enfim, uma série de “obrigações” que deveríamos acatar em no nosso dia a dia; por outro lado percebemos também a presença do cinismo, a falsidade, a fofoca, etc; comportamentos esses que sem dúvida estão presentes⁸ em nossas vidas; seja no lado bom ou no lado mal - sempre irão existir. FREIRE (2001) já dizia em sua Pedagogia da Autonomia que é impossível ao sujeito viver sem sequer transgredir a ética. Nesse sentido percebe-se que ninguém é perfeito, sempre estaremos sujeitos a falhas.

A importância da ética hoje se dá pela necessidade, por uma questão de sobrevivência; considerando que a humanidade passa por um momento de anseio por uma vida melhor e acima de tudo digna e feliz. Podemos dizer que o tema mais ecumênico que existe atualmente é o da dignidade humana, vida com qualidade e por fim, a felicidade. No entanto, percebemos que o mundo se tornou um caos, e o homem como um todo se encontra perdido em meio a tanta confusão; é o verdadeiro “jogo dos interesses”.

A realidade moral do homem tem se tornado insignificante. Muitas famílias têm deixado a educação dos filhos para terceiros, ou muitas vezes nem isso, pois pela necessidade de trabalhar fora, exige que deixem os filhos sozinhos em casa. Segundo CASTRO:

“A sociedade contemporânea valoriza comportamentos que praticamente excluem qualquer possibilidade de cultivo de relações éticas. É fácil verificar que o desejo obsessivo na obtenção, posse e consumo da maior quantidade possível de bens materiais é o valor central na nova ordem estabelecida no mundo e que o prestígio social é concedido para quem consegue esses bens. O sucesso material passou a ser sinônimo de sucesso social e o êxito pessoal deve ser adquirido a qualquer custo. Prevalecem o desprezo ao tradicional, o culto a massificação e mediocridade que não ameaçam e que permitem a manipulação fácil das pessoas”. (1997, p, 61).

⁸ A ética existe exatamente porque há a transgressão na sociedade. Sem a transgressão das regras não há ética. É importante sempre levarmos em conta que a reflexão ética serve exatamente para mudar ou mesmo transformar nossas práticas morais. Neste momento todos nós dizemos que os políticos são corruptos por causa do problema que houve com o PT. Só este fato nos leva a refletirmos o papel da política e do político na sociedade. Há o anseio pela mudança e a moralização, e isso é ética.

O homem se perdeu nesse mundo de complicações e de crise de valores, “ninguém respeita a ninguém”, é o que mais se houve dizer. Onde será que foi parar os conceitos sobre o respeito ao próximo e suas diferenças?

Percebemos que a sociedade em si deixou de lado o compromisso com a educação e o ensino de valores, relacionados aos direitos e deveres do cidadão - obrigação que outrora era da família, do Estado e da sociedade como um todo, recai sobre a escola. No entanto é relevante indagar: Será que “sozinha”, a escola dá conta de tamanha responsabilidade?

Um ponto relevante a ser discutido nessa nova sociedade e especificamente dentro dos ambientes educacionais é: “Como aprender a viver juntos”. Diante dessa questão observa-se que o homem tem caminhado para um mundo totalmente individualista, no qual o respeito ao próximo e fatores que direcionam ao reconhecimento do “outro” como parte importante para o desenvolvimento do trabalho tem sido esquecida.

Percebe-se que nessa nova realidade educacional, a maioria dos conflitos interpessoais tem sido por falta de compreender o próximo; ressaltando que saber ouvir e aceitar as idéias do outro não é uma tarefa simples; é preciso esvaziar-se de si mesmo para então aceitar o “outro”. Portanto, esses conflitos também são importantes para que se tenha a incomodação e discussão e, sobretudo, a solução para os problemas provenientes na profissão.

A educação é responsável pelo futuro contínuo de uma sociedade; portanto os conflitos interpessoais fazem parte do desenvolvimento desse trabalho. Assim, SAVATER (2001, p, 01), coloca que “[...] *não seríamos o que somos sem os outros, mas custa-nos ser com os outros*”; por isso é relevante se autoconhecer para então reconhecer o outro, é o primeiro caminho para a superação desses conflitos.

Ainda assim é relevante considerar que o corpo docente existente na escola também está inserido nessa sociedade portadora de conceitos individualistas e extremamente preconceituosos; e se não tiverem compromisso, responsabilidade e, sobretudo consciência ético-profissional, todas as questões expostas aqui acabarão virando utopia. A única solução está em prepará-los eticamente e moralmente para atuar nesse meio; proporcionando saberes fundamentados numa prática contínua, reflexiva e ética, buscando questões que trazem a compreensão do universo do “eu” e da importância do “outro”.

Talvez seja esse o caminho para a melhora das *Relações Interpessoais* dentro dos ambientes educacionais; tendo em vista que a evolução da escola caminha para a cooperação profissional.

CAPÍTULO II

ÉTICA E EDUCAÇÃO: DESAFIOS PARA APRENDER A VIVER JUNTOS

2.1 RELAÇÕES E APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

Falar em educação nos faz pensar em tantas coisas que talvez possibilitaria definir esta palavra; mas será que existe uma definição específica do que na realidade vem ser educação⁹? Muitos responderiam que educação é uma forma de vivermos em sociedade e termos respeito para com o outro. Por outro lado diríamos que seria o modo de vida de cada povo ou sociedade, ou seja, a cultura de cada um. No entanto, como ensinar uma pessoa a ter educação? Ou melhor: Será que educação se ensina ou se aprende? Ou se aprende e se ensina? Nesse sentido vamos começar pelo começo...

A palavra educação vem “[...] do latim *educatio* que significa *instrução, ação de criar, alimentar, alimentação, criação*” (CODO, 1999, p, 49).

Antes de surgir à escola formal com os seus métodos pedagógicos, regras estabelecidas para serem executadas como uma maneira de “educar”, o indivíduo já tinha a sua maneira especial de ensinar/educar os seus filhos, pois, cada grupo, cada sociedade possuía sua cultura ou costume próprios, na qual estabeleciam suas próprias regras como forma de formar o cidadão para conviver com o outro e com os outros. Neste sentido o trecho a seguir nos mostra como funcionava a educação antes do aparecimento da escola formal ou até mesmo onde a mesma ainda não existe.

⁹ Segundo o Dicionário Aurélio, Educação significa: Ato ou efeito de educar (se). Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. Civilidade, polidez.

“[...] cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças, os adolescentes e também aos jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade – ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela – idealiza, projeta e procura realizar”. (BRANDÃO, 1995, p, 22).

Brandão (1995) nos mostra diversas maneiras de compreendermos o que é educação, no qual afirma que a mesma sempre existiu, bem antes de surgir à escola, pois é através do relacionamento com o outro que o homem aprende as coisas da vida; então desde que o homem existe, o mesmo vai aprendendo com os mais velhos e repassando esse aprendizado adiante. Nesse sentido ele ressalta a educação dos índios, que desde o nascimento dos filhos já existe um acompanhamento para que o “pequeno indiozinho” aprenda os costumes da aldeia e se torne um grande guerreiro e que as “pequenas índias” se torne uma boa moça e se case com um bom pretendente e guerreiro e que tenha muitos filhos. E essa idéia de educação vai passando de geração para geração; mesmo que seja simplesmente informal, sem nenhuma regra específica e pedagógica.

Neste exemplo dos índios, podemos observar que a educação poderá existir em diversos tipos de grupos - mesmo que não exista a formalidade da escola ela pode ser organizada através de diversas maneiras de ensinar estabelecida pelo grupo, de acordo com a crença e doutrina do mesmo. No entanto, através dessas relações com o outro, o homem cria diversas formas de comportamento que passam de geração para geração e que vão sendo modificadas no decorrer do tempo.

Para compreendermos um pouco mais sobre esse processo e surgimento da educação formal, é relevante voltarmos lá na Grécia para descobrirmos como foi que tudo começou.

Essa idéia de educador teve início na Grécia antiga por volta do século V a.C com surgimento da palavra *Paidéia* (pais, paidós) que logo se transforma no termo *paidagogos*, ou seja, escravo que conduz a criança à escola, palestras, etc. Todas as idéias sobre educação e como ensinar surgem de reflexões feitas pelos Gregos em cima do termo *Paidéia* dando início as *“[...] primeiras linhas conscientes da ação pedagógica [...]”* (ARANHA, 1996, p, 41) embasadas em questões do que seria melhor ensinar e como ensinar; nesse sentido a Grécia clássica¹⁰ pode ser considerada o berço da pedagogia, onde realmente se deu início as reflexões voltadas para a formação do homem desde a infância que antes do surgimento da escrita era ministrada pela família como uma tradição religiosa; mais tarde

¹⁰ Ver detalhes em ARANHA (1996) Sobre a História da Educação.

acaba se tornando mais ampla quando os sofistas estendem o termo Paidéia como relevante para a formação contínua do adulto, na qual a figura do professor torna-se valorizada na visão sofística.

A educação na Grécia, especificamente em Esparta, por volta do século IV a.C., permeia por toda a vida do indivíduo, pois, aos sete anos deixa a família que até o momento era a responsável pela educação e é entregue ao Estado que assume a responsabilidade de formar o cidadão. As crianças vivem em grupos de acordo com a idade e são submetidas a diversos tipos de atividades físicas, castigos, fome, etc., ou seja, a educação é considerada guerrilheira.

Por outro lado temos a educação ateniense, que além da formação física, considera relevante a formação intelectual; nesse sentido é pensado o cidadão como indivíduo também da *pólis*. Nessa época a educação já não é mais obrigatória, mas se inicia aos sete anos; as meninas cuidam dos afazeres domésticos; se for menino, inicia atividades de alfabetização, educação física e musical, lembrando que sempre acompanhada pelo escravo *pedagogo*.

A educação na Grécia passa a ter por finalidade preparar o cidadão para viver na *pólis* e, sobretudo compreender o homem político; nesse sentido a mesma é encarada com muita seriedade por Sócrates e Platão como forma de desenvolver no homem a capacidade de pensar, conhecer a si mesmo e seus limites. No entanto a idéia dos filósofos era de libertar o homem do seu íntimo para que o mesmo se tornasse um cidadão pensante na *polis*; isso acarretou muitas discussões e punições para os mesmos, mas contribuíram muito para a história da pedagogia como forma de formar o ser integral.

Nesse sentido,

“[...] os filósofos gregos voltava-se para uma formação que desenvolvesse o processo de construção consciente, permitindo ao homem ser “constituído de modo correto e sem falhas, nas mãos, nos pés e no espírito”.

De modo geral, a educação grega está constantemente centrada na formação integral – corpo e espírito...”. (ARANHA, 1996, p, 50).

A história da educação possui diversas fases, no entanto não cabe destacar seus minuciosos detalhes, já que se trata simplesmente de um pequeno conceito e como ocorreu o seu surgimento e suas influências na vida do homem. Neste sentido é relevante destacar que em todas as questões abordadas sobre “o que é educação”, vimos que de alguma forma, independente do conceito ser diferente e um pouco mais exigente em algum aspecto, sempre volta para a formação do homem em sociedade e sua relação com o outro, visando sempre a

preparação moral. É nesse sentido que a ética precisa ser encarada dentro dos meios de formação humana; no entanto se a formação do cidadão está na escola é necessário que os mesmos sejam preparados eticamente para viver em sociedade, então está aí a consciência que o professor precisa ter em compreender o seu próprio comportamento moral.

No primeiro capítulo tratamos sobre o progresso do comportamento moral do homem. Dando seqüência a este pensamento, iremos desenvolver as suas implicações num campo específico: a prática docente.

Percebe-se que está depositada na educação a esperança por uma sociedade melhor e igualitária para todos. Por isso é necessária a formação de profissionais capacitados e acima de tudo responsáveis dentro daquilo que desenvolvem na sua profissão.

Assim,

“A ética, entre outros âmbitos, se insere no contexto institucional de formação para auxiliar o processo de aprendizagem dos sujeitos sociais, que nele interagem, com o objetivo de subsidiar as ações profissionais e pessoais face ao desenvolvimento da sociedade”. (MEDEIROS, 2005, p, 01).

A ética profissional vem sendo muito discutida atualmente; é considerada como tema ecumênico principalmente na área da educação. Nesse sentido estaremos abordando a ética nas relações interpessoais especificamente no trabalho docente, buscando compreender as complexidades dessa profissão que é dotada de infinitos conflitos interpessoais.

Portanto, nossos olhares irão despertar para a compreensão do relacionar-se com o outro, com o intuito de entender os porquês dessas divergências entre os sujeitos desde muito antigamente. Como isso ocorre? Porque precisamos do “outro”, sendo que ao mesmo tempo nos confrontamos com ele? Segundo SAVATER (2001), em *“As perguntas da vida”* ressalta que a discórdia existe entre os seres não é porque somos irracionais, mas porque somos de fato racionais. Queremos o melhor e ser melhor que o outro sempre; por isso precisamos do nosso semelhante, [...] *as mesmas razões que nos aproximam um dos outros podem fazer com que eles se tornem nossos inimigos.* (p, 3). Como entender razões que levam o sujeito a agir dessa maneira?

Estudos mostram que ações como essa são frutos da evolução histórica das sociedades, da busca por se tornar alguém importante para si e também perante os outros. É uma maneira de se sentir “ganhadores”.

Abaixo algumas razões que podem talvez esclarecer a geração de conflitos entre os seres, segundo MAGALHÃES (2007) são:

- Esquecer que o outro é outro;
- Exigir do outro condutas que ele não tem condições de desempenhar;
- Querer que o outro pense como eu penso, goste do que eu gosto, queira o que eu quero;
- Achar que o poder se concentra de um único lado das partes envolvidas em um relacionamento;
- Acreditar que se pode mudar o outro;
- Negar-se como pessoa única;
- Ver a possibilidade de abdicar de um querer pessoal como sinal de fraqueza.

Portanto, na prática docente a importância do relacionar-se vem ser um caminho primordial para o desenvolvimento do trabalho. Assim é relevante indagar: Porque o processo de comunicação é tão difícil entre os seres?

De certa forma, porque somos completamente diferentes; somos seres únicos, com pensamentos únicos, somos, todavia egocêntricos, não conseguimos enxergar o próximo como parte relevante para a nossa vida. Por isso, quando somos colocados a trocar e compartilhar idéias, cada um busca em seu “mundo” uma maneira de solucionar o tal problema e, de fato não concorda com as idéias do outro. Daí surgem os conflitos interpessoais; devido o choque de culturas. Segundo MAGALHÃES (2007):

“Estarmos conscientes de nosso egocentrismo é um bom começo para nos comunicarmos melhor com os outros, porque estaremos atentos e tentando decifrar o egocentrismo do outro e assim se possibilita o surgimento de pontes e elos que permitam o trato com convergências e divergências”.

Esse é um dos caminhos que devemos seguir para agirmos de acordo com a ética e uma maneira de compreendermos se nossas ações são boas ou más, certas ou erradas.

A moral¹¹ é considerada um conjunto de regras ou normas adquiridas por hábitos e que só é possível a sua existência numa sociedade, na relação do homem com outros homens. Sendo assim sua compreensão, segundo MEKSENAS são “[...] adequadas para a

¹¹ VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Trad. João Dell’Anna. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Nesta obra o autor faz um estudo sobre o comportamento moral do homem e suas mudanças através do tempo.

vida de uma coletividade” (2005, p. 01). E nesse sentido o professor está inserido junto a essa coletividade, na qual existem conflitos e questões de cunho moral; portando, nesse meio, o profissional deve pensar na relevância de refletir sobre a sua ação junto a essa realidade; neste caso a ética pode proporcionar essa reflexão.

Assim:

“Ao mergulhar na discussão da prática docente no cotidiano institucional poderíamos indagar: Como os professores se posicionam diante das noções de bem e mal, justo ou injusto, do que é ou não correto? Ou, em outros termos, como os aspectos de uma moralidade profissional podem constituir-se em posturas éticas no exercício da profissão? Assim, a presente reflexão busca formular algumas questões sobre o lugar da ética no trabalho do professor (a)”. (MEKSENAS, 2005, p, 01).

A consciência profissional muitas vezes depende do engajamento político, ou seja, o compromisso real com o conhecimento adquirido em estudos e discussões realizados na Universidade. Mas na maioria das vezes esses profissionais não levam a sério os anos que passam dentro de um curso de formação acadêmica. Ou às vezes o ensino oferecido deixa muito a desejar; no entanto não motiva o aluno e nem o prepara para as dificuldades existentes no cotidiano da profissão. Nesse sentido VASCONCELLOS diz:

“Não temos a menor dúvida de que a formação é um aspecto da maior relevância para qualquer mudança; devemos considerar, no entanto que uma formação mais exigente pressupõe pessoas competentes e compromissadas [...]” (2003, p, 131).

A formação inicial seria o ponto de partida, no entanto, a formação continuada proporciona questões relevantes para que a mudança realmente aconteça, mas o “querer fazer” e colocar em prática aquilo que aprendemos depende de cada um de nós. A ética é importante para a formação de pessoas, mas o agir corretamente, na tentativa de mudar o futuro do mundo não pode ser apenas dito e sim realizado; através do exemplo profissional e moral de cada um de nós; afinal *“ensina-se o que se é”*. Assim, a *“[...] minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por si mesmo, tem que ser o meu testemunho” (FREIRE, 2001, p, 110).*

2.2 OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO E A POSSIBILIDADE DE APRENDER A VIVER JUNTOS

Sustentáculo da Educação no séc. XXI “*Os Quatro Pilares da Educação*” vem propiciar ao indivíduo uma educação para toda a vida.

Segundo a SÍNTESE (2003) e reflexões extraídas da 46ª Conferência Mundial de Educação para todos realizada pela UNESCO em 1990, na Tailândia; destaca-se que na ocasião foi apresentada uma proposta educacional para o séc. XXI baseada em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos. Nesse sentido foi ressaltado que nenhuma delas poderá ser desenvolvida sozinha; ou seja, esses quatro pilares tornam-se dependente um do outro, necessitando sempre de trocas de informações entre eles.

É bem claro que esses quatro pilares veio unir ainda mais os sujeitos da Educação; ou seja, para que se possa obter um bom resultado nessa proposta educacional é relevante que professores tenham relações interpessoais agradáveis um com o outro.

Sendo assim, a SÍNTESE (2003) e reflexões extraídas da 46ª Conferência Mundial de Educação realizada pela UNESCO em 1990, na Tailândia; ressalta que a educação em si precisa de uma aprendizagem ao longo da vida, fundamentada nos quatro pilares que são, ao mesmo tempo “*[...] pilares do conhecimento e da formação continuada*” (2003, p, 35). São eles:

Aprender a conhecer → Significa estar constantemente em busca de conhecimentos, fazer novos cursos, desenvolver pesquisas que propiciam a amplitude do conhecimento que o mesmo já possui. Para isso a educação também deverá criar oportunidades para que o indivíduo tenha oportunidade de estar se reciclando. Nessa noção inclui também o conceito de “aprender a aprender”, que dá oportunidade ao indivíduo de, mais tarde ao longo de sua vida desenvolver outro tipo de atividade.

Aprender a fazer → Essa noção abrange tanto a aquisição de novas habilidades profissionais quanto a aquisição de habilidades mais amplas e complexas; tendo em vista que o mesmo deverá estar preparado para enfrentar novos desafios e saber lidar com situações mutáveis. Para isso é muito importante saber desenvolver trabalhos em equipe, saber trabalhar coletivamente, gostar de enfrentar riscos, ter intuição, saber comunicar-se, resolver conflitos e ser flexível.

Aprender a ser → A educação deve contribuir para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo; com base na autonomia, no conjunto de valores, julgamento e responsabilidade.

Ele deve ser preparado para atuar em diferentes circunstâncias da vida; para isso a educação deverá desenvolver o pensamento autônomo, a criticidade e sua personalidade própria.

Aprender a viver juntos → Significa aprender a compreender e respeitar os outros, aprender a viver junto com os outros, ter espírito de tolerância, pluralismo e respeito pelas diferenças, em busca da paz entre as pessoas. É por isso que esse quarto pilar da educação se trata da possibilidade das pessoas se conscientizarem sobre a valorização do próximo através de projetos que tenham como tema a valorização humana, na qual incluem a ecologia, a economia, a religião, as nações e comunidades, etc. A relevância de trabalhar esses temas irá despertar a visão sobre a atual realidade da globalização mundial e a importância do outro em nossas vidas.

A missão da educação é transmitir conhecimentos sobre a diversidade humana, bem como mostrar as diferenças e propiciar ao indivíduo a consciência do respeito por elas. Portanto segundo o relato da SÍNTESE (2003) e reflexões extraídas da 46ª Conferência Mundial de Educação realizada pela UNESCO em 1990, na Tailândia, coloca que os três primeiros pilares “aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a fazer” foram desenvolvidos anteriormente, por isso, por mais que sejam especiais não são tratados de forma exclusiva como o quarto pilar “aprender a viver juntos”; tendo em vista que o mesmo foi desenvolvido de natureza diferente e mais global. Por isso, foi ressaltado nessa conferência que a sua omissão seria “[...] o aniquilamento de todos os outros esforços despendidos em favor da educação, saúde e desenvolvimento [...] etc” (2003, p, 32).

2.3 A VISÃO COMPARTILHADA DA EDUCAÇÃO E O CAMINHO PARA A CONDIÇÃO DE APRENDER A VIVER JUNTOS

Estamos vivendo e caminhando para uma era de mudanças, na qual o mundo e as pessoas em si não são mais as mesmas; não somente o mundo está globalizado, mas as pessoas também estão pensando de forma global; buscam em todos os sentidos uma maneira de satisfazer suas necessidades, estando preparadas para atuar nesse *novo mundo da interdependência e interações globais*.

O planeta em si tem buscado uma maneira de falar a mesma língua; tendo em vista que a necessidade de preservar o meio ambiente, cultivar a paz, compreender a economia para produzir produtos de exportação e importação, tem sido sem dúvida uma forma de nos

tornarmos vizinhos um dos outros. Portanto a necessidade de aprender a viver e a conviverem juntos tem sido um tema muito discutido dentro de ambientes de formação humana, visando as questões morais e éticas.

Pensar numa educação que visa à união dos seres em todo o planeta parece utopia. Mas de fato se analisarmos a influência que a educação pode ter perante a sociedade, realmente mudaríamos o nosso pensamento. Neste sentido, a SÍNTESE (2003) e reflexões extraídas da 46ª Conferência Mundial de Educação realizada pela UNESCO em 1990, na Tailândia, a ministra da Educação do Chile Mariana Aylwin faz a seguinte reflexão:

“Viver é conviver. É por isso que viver junto é certamente uma das mais importantes capacidades para o desenvolvimento humano. [...] Aprendermos a conviver é aprendermos a viver e isso pode efetivamente ser aprendido. O grande desafio da educação para ensinar a viver juntos consiste em mobilizar a participação de todos os atores” (2003, p, 41).

Diante dessas questões para aprender a “viver juntos”, a ética traz reflexões para construção moral do indivíduo, visando à formação da consciência. Essa tomada de consciência está relacionada com a possibilidade de saber gerenciar positivamente a diversidade, promovendo assim os valores éticos e morais, com o intuito de lutar contra o preconceito, a violência, etc.

É nesse sentido que a Educação deve encarar essa nova era do “aprender a viver juntos”; todos esses conceitos e reflexões são relevantes para o despertar do “querer aprender a viver juntos”.

Aprender a viver juntos são noções que verdadeiramente precisam estar dentro dos ambientes de formação humana, com o objetivo principal de diminuir as diferenças entre os seres; plantando a semente da bondade, do amor, e, sobretudo, do respeito para com o outro. Nesse sentido, em reflexão a SÍNTESE (2003) e reflexões extraídas da 46ª Conferência Mundial de Educação realizada pela UNESCO em 1990, na Tailândia, destaca-se:

“Novas orientações são necessárias para educar indivíduos que sejam capazes de conduzir mudanças ao longo prazo, de agir contra as desigualdades e combater a violência, aceitando o progresso tecnológico, sem deixar de reduzir, ao mesmo tempo, suas consequências mais paradoxais”. (2003, p, 48).

A educação para viver juntos segundo o relatório da Unesco estaria dividida em dois sentidos opostos. A primeira seria do indivíduo aceitar uma única forma de valores fundamentais, na qual poderia ser compartilhada por todos os indivíduos, comunidades e nações do mundo; por outro lado ela seria trabalhada de maneira que os indivíduos viessem

aceitar as diferenças do outro e, sobretudo aprender a respeitá-las, sejam elas lingüísticas, étnicas e religiosas.

Essa seria a forma mais correta de educação compartilhada para de fato aprender a “viver juntos”; embasada em conceitos que direcionam o ser humano a viver harmoniosamente em sociedade; respeitando o outro e aprendendo a conviver com suas diferenças. Neste sentido, aceitar as diferenças não é vê-la como se todos fossem iguais; mas sim propor o *respeito* pelas diferenças, para que vivamos uma vida comum, de forma pacífica, respeitando os direitos individuais e coletivos.

CAPÍTULO III

A ÉTICA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

3.1 A COMPREENSÃO DO “EU” E DO “OUTRO”

*Ó Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o
Universo e os Deuses (SÓCRATES)*

A mensagem acima foi escrita há muito tempo em um Templo consagrado ao deus Apolo, em Delfos, na Grécia; seu significado diz que aquele que alcançar um determinado grau de evolução espiritual, terá o domínio e o conhecimento de si mesmo, portanto poderá compreender o sentido profundo e maravilhoso dessas palavras.

A busca por sabedoria levará o homem ao centro de tudo; ou seja, o seu próprio *eu*. Chamamos essa busca de *autoconhecimento*, isso ocorre conseqüentemente quando se inicia uma busca incansável por um determinado conhecimento, cujo objetivo trará a si mesmo a compreensão do Universo do seu próprio *eu*; ou seja, conhecimento de si mesmo.

Todo esse processo de busca interior inicia-se com o reconhecimento de que somos falhos, cometemos erros, temos defeitos, e duramente quando nos sujeitamos que outros venham apontar os nossos defeitos e aceitamos isso com naturalidade; esse é o primeiro passo para o *autoconhecimento*. O segundo passo é partir em busca incansável por *conhecimento*, com o intuito de evolução do próprio *ser*; esse procedimento traduzirá em uma melhora consistente em sua vida como um todo, aumentando a sua auto-estima. Nesse sentido,

“[...] à medida que nos conhecemos verdadeira e profundamente, nós nos tornamos mais e mais indulgentes, pacientes e compreensivos para com o próximo, exatamente aquele que julgávamos (erroneamente) responsáveis pela nossa infelicidade”. (Autor desconhecido).

Faz parte do processo de *autoconhecimento* o contato com o nosso *inconsciente*. Para isso, segundo BRESSANI (2007) são necessária três qualidades importantíssimas: *“[...] o interesse, à vontade e a disciplina”*. Quando entramos em contato com o nosso *inconsciente*, podemos descobrir em nós, qualidades das quais nunca havíamos conhecido; essas descobertas nos tornarão pessoas mais plenas, felizes conosco e com a nossa própria vida.

Toda essa noção de *autoconhecimento* deixa claro que para compreender o *outro* é relevante compreender primeiramente a nós mesmos. A descoberta do *outro* se dá quando o aceitamos como parte relevante para a nossa vida.

Somos cercados a todo o momento por uma certa quantidade de pessoas com pensamentos e comportamentos diferentes dos nossos; será que estamos preparados para viver em grupo? As pessoas são diferentes umas das outras; esse, sem dúvida é o grande desafio para compreensão do *outro*. Mas como e quando aprendemos a nos conhecer? Segue abaixo, algumas reflexões extraídas de estudos realizados para RELAÇÕES (2007, p, 11):

- Quando aprendemos a refletir sobre a prática de nossas próprias ações;
- Quando aceitamos que nossas ações estão interferindo em nossas relações interpessoais e que precisam ser modificadas (*melhoradas*);
- Quando nós preocupamos saber a causa de nossos desequilíbrios emocionais quando os mesmos estão interferindo em uma relação.

Essas são apenas algumas reflexões que devemos fazer para exercitar o *autoconhecimento*, podendo nos mostrar que estamos automaticamente prontos para conviver com o *outro*. Isso mostra que através do *autoconhecimento* fica mais fácil resolver situações de conflitos interpessoais ou adquirir autocontrole, evitando assim situações desagradáveis e de desentendimento.

Uma outra questão relevante é a de reconhecer o *outro*; no entanto quais caminhos devemos percorrer para que isso realmente aconteça? E como sabemos que o reconhecemos como parte importante para a nossa vida? Em RELAÇÕES (2007, p, 12) alguns conceitos que podem nos auxiliar a esse respeito:

- Quando passamos a ouvir mais o outro;

- Quando vencemos as barreiras do preconceito e das diferenças;
- Quando estamos abertos para aceitar as idéias do outro;
- Quando temos convicção que sem a presença do outro seria impossível viver.

Todas essas questões se refletem no cotidiano da vida dos indivíduos; neste sentido, a importância da ética nas relações interpessoais tem como objetivo trabalhar a questão “conflitos” com o intuito de fazer com que o indivíduo aprenda a refletir e a compreender as suas ações no ambiente no qual vive. Mas por onde começar?

Um dos caminhos a seguir é de fato a compreensão do *outro*, pois sem ele não existimos e não chegaremos em lugar algum. Somos seres incompletos sem a presença do outro. Neste sentido,

“Não há sentido em pensar ‘eu e o mundo’. É preciso pensar ‘eu como um pedaço do mundo’ [...] Nisso consiste a incompletude. E inacabado não significa a mesma coisa. Inacabado quer dizer ‘eu sou movimento de estar sendo’, e não sou alguma coisa que se completou. Nós somos incompletos porque relacionais, porque a gente não existe sem a relação. Somos incompletos porque parte de um todo dinâmico. Não existimos sem aquele com quem nos relacionamos, sem meio, sem a biosfera da qual somos uma emergência, mas também somos incompletos porque somos fluxo, nós indivíduos e nós espécie, nós vida”. (ANTUNES E PADILHA, 2007, p, 01).

Neste trecho os autores deixam claro sobre a necessidade de compreender o outro como parte relevante em nossa vida; ou seja, não podemos viver sozinho isolados do mundo.

Na prática docente – objeto dessa pesquisa, sabe-se que esse entendimento não é tão simples assim; tendo em vista que temos que compartilhar nossas idéias com inúmeras pessoas. No entanto é relevante destacar que o trabalho docente é uma tarefa árdua, sabemos que isso não se consegue sozinho, é preciso o envolvimento do todo; a troca de experiências e a partilha de saberes ajudam no desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, para que de fato a mudança aconteça e tenhamos uma educação de qualidade é fundamental a capacidade de *reconhecimento do outro* como parte importante no processo.

Dentro essas perspectivas de reconhecimento do *outro*, o professor precisa compreender que “ninguém é uma ilha¹²”; a comunidade docente precisa ser homogênea e o

¹² Expressão em sentido figurado – modo de dizer popular sobre a importância de refletirmos que ninguém pode viver sozinho e isolado do mundo, cercado de água por todos os lados, pois como seres humanos precisamos de pessoas a nossa volta.

respeito ao colega e aos próprios alunos precisa ser exigido; falamos de ‘comunidade’ e não de ‘unidade’; portanto o trabalho em equipe precisa se considerado.

3.2 O RESGATE DO AMOR E DA ÉTICA NAS RELAÇÕES

*Amarás o teu próximo como
a ti mesmo (Evangelho de Mateus)*

O mandamento acima foi dito por Jesus Cristo e colocado como um dos grandes mandamentos da lei de Deus. Não seria tão simples assim segui-lo, talvez seria um desafio para os assim chamados cristãos; tendo em vista a imensa crueldade e egocentrismo da raça humana; por isso se toda a humanidade seguisse estas tão bonitas palavras não existiria conflito na terra. Assim, observa-se que é impossível amar o outro, sem primeiro amar a nós mesmo; sendo assim segue o mesmo pensamento de *conhecer a si mesmo* para então *reconhecer o outro*.

As relações humanas atualmente estão em crise; o homem em si está perdido em meio a tanta confusão. BRESSANI (2007), coloca que essa crise se dá pelo fato do homem não saber mais o que pode ou não pode, o que é certo ou errado; a sociedade em si tem passado por transformações que claramente tem confundido questões de cunho moral e ético.

A televisão tem ‘bombardeado’ informações que deturpam valores que outrora eram respeitados ou até mesmo exigidos. Nesse sentido percebe-se a proliferação da violência na sociedade e sua infiltração também nos lares.

A política geral está desenfreada em escândalos; vemos pessoas querendo derrubar outras para se darem bem. O indivíduo está exposto a todo instante a exemplos de falta de ética, no qual os valores morais estão sendo esquecidos. O que tem acontecido com essa atual sociedade e qual é o exemplo de relações interpessoais que nossas autoridades e representantes de governo tem trazido para nós?

É de fato muito angustiante perceber e aceitar que não existe nenhum sentimento de *amor* ao próximo; as pessoas estão em busca de benfeitorias pra si mesmo; não se preocupam em colaborar e ajudar o *outro*. O que essa sociedade tem pregado sobre o amor? Conhecimentos sobre esse tipo específico de sentimento tem ultrapasso séculos. Nesse sentido temos um exemplo bíblico, no qual diz que “[...] *ainda que falássemos a língua dos anjos e*

dos homens se não tivesse amor, eu nada seria [...]”. Esse amor que a bíblia relata é verdadeiramente um dom supremo; ou seja, é o significado da vida e de nossa existência.

É desse amor que a sociedade precisa; principalmente dentro do ambiente educacional; tendo em vista que os profissionais da educação são responsáveis pela formação do cidadão, sendo que os seus ensinamentos precisam estar estabelecido em conceitos éticos e morais. Nesse ensino deverá ser pregado o amor, o respeito, o diálogo, a compreensão, a longaminidade, a solidariedade, etc. São sentimentos que surgem através do amor para com o próximo; é nesse parâmetro que o professor deverá enquadrar-se para que se tenha um bom resultado em seu trabalho. MAGALHÃES (2007), fala sobre as relações interpessoais dentro dos ambientes de aprendizagem, argumentando que,

“Se o desenvolvimento da inteligência exige a ação e a interação com o objeto de conhecimento, quanto menos se lida com esse objeto, menor desenvolvimento ou nenhum ocorre. Estabeleça-se então a relação com as conseqüências das nossas de “ensinar-se” a um aluno por meio de relações interpessoais negativas, a não gostar de aprender. Especialmente levando em conta à necessidade de sobrevivência com que vem se caracterizando aprendizagem. Costumo dizer que a sala de aula é um verdadeiro fenômeno social. Tudo que ocorre no contexto social maior ali estará representado. Lidar com as conexões que emergem e estão subjacentes nesse espaço exigem perspicácia e atitudes de observação e pesquisa continuada por parte do professor. As trocas interpessoais são incessantes e permeiam todo e qualquer procedimento de aprendizagem”.

Portanto percebemos que a importância das relações interpessoais vai muito além do que imaginamos; ou seja, um professor que não possui um bom relacionamento com o seu colega de trabalho ou com outro qualquer; dentro da sala de aula, em contato direto com os alunos, não obterá êxito. Se ele não reconhece o *outro* como poderá reconhecer o seu aluno?

Amar o ensinar é uma dádiva, que somente será alcançada se tivermos a consciência dos nossos limites, dos nossos direitos e dos nossos deveres para com o *outro*. É relevante que possamos resgatar esse amor que se perdeu, e continua se perdendo em meio a tantos conflitos sociais.

Nesse sentido BRESSANI (2007) coloca que,

“As relações humanas têm como pacto principal o Amor. Seja este Amor filial, fraternal, parental ou carnal. É o amor que aproxima as pessoas. A aceitação e a admiração são expressões deste Amor. Quando nos sentimos aceitos e admirados por alguém, nos sentimos amados e quando ainda por cima isso é recíproco, mais do que nunca queremos manter esta relação”.

Entendemos que a falta de ética tem contribuído para esse esfriamento do *amor* nos relacionamentos interpessoais. Portanto obter a compreensão da ética e da moral é sem

dúvida o primeiro passo para o resgate desse sentimento tão importante para a relação *eu e outro*.

Por isso BRESSANI (2007) destaca que “[...] *é importante desenvolver a consciência de onde termina você e onde começa o outro*”. Esse nível de entendimento possibilitará o respeito ao espaço e as idéias do outro, tendo em vista que as relações de amor iniciam-se através do RESPEITO às diferenças e sua cultivação no decorrer do tempo.

3.3 APRENDER A SUPERAR CONFLITOS INTERPESSOAIS

“Uma sociedade sem conflitos seria, ou uma sociedade sem ovelhas, que se curvam sem resistência diante da autoridade do chefe ou uma sociedade na qual ninguém pensa, o que exclui a divergência, isto é, o progresso que nasce do confronto sobre a ação a empreender”. (PERRENOUD 2000, p, 90).

Neste trecho, PERRENOUD faz uma provocação, tentando esclarecer que os conflitos de fato fazem parte da vida do indivíduo e que são relevantes para o progresso de uma sociedade. Para que esse conflito tenha saldo positivo e não negativo, devemos ter conhecimento sobre conceitos éticos e morais; através desses conceitos aprendemos a lidar com diversas situações e o mais importante - superá-las. Nessa questão tomamos conhecimento sobre a importância dos conflitos e a relevância de compreendê-los como uma forma de resolução de problemas, e não como uma criação de dificuldades e desentendimentos.

O autor nos faz pensar de maneira que, se não existisse o conflito entre os seres, talvez a vida seria sem graça, porque todos seriam ‘iguais’; pensariam da mesma maneira, teriam os mesmos objetivos e os mesmos conceitos sobre as coisas. No entanto, PERRENOUD ressalta que por ele ser relevante, devemos tomar cuidado para não “[...] *diabolizar o conflito* [...]”; ou seja, precisamos encará-lo de modo construtivo e não destrutivo.

Sem dúvida esse é um grande passo para se obter um bom relacionamento interpessoal. Aprender a superar conflitos não é uma tarefa fácil; precisamos exercitar o nosso aprendizado com a vivência no cotidiano.

Vamos resgatar aqui algumas idéias já discutidas nesse trabalho.

Onde há conflitos, há pessoas com diversos conceitos diferentes dos nossos. O primeiro passo está em *respeitar esses conceitos*; mas é lógico que para chegarmos a esse

entendimento, deveremos percorrer um longo caminho de estudos e busca por conhecimento, com o intuito principal de *conhecer a si mesmo*.

Mas o que é ser ético?

Essa pergunta em si já gera um conflito, tendo em vista que ser ético engloba tantos conceitos que estão enraizados em nós. Talvez você diria: cumprimento de direitos e deveres, respeitar o próximo, compreender o outro e suas diferenças, etc. No entanto é relevante destacar que cada indivíduo já possui sua maneira própria de ver e de pensar as coisas, e isso faz com que sejamos seres únicos diante de cada situação; devemos, portanto respeitar essa individualidade de cada um.

Podemos conceitualizar que *ser ético* é refletir sobre si e suas ações no mundo; ou seja, até que ponto o meu *eu* estaria interferindo na felicidade e liberdade do outro. Nesse sentido Sá (2000, p, 58) ressalta que “[...] *só podemos agir eticamente se tivermos uma consciência ética formada e em atividade plena*” (apud SOUZA & BASTOS, 2002, p, 07). É preciso ter a concepção que a minha liberdade termina quando começa a do outro. Assim, é nesse sentido que devemos compreender os conflitos interpessoais e de fato superá-los de maneira ética e inteligente.

O trabalho educacional precisa ter em seu contexto de trabalho profissionais que tenham conhecimento sobre questões Éticas e também Morais; tendo em vista que muitos desses profissionais não possuem consciência sobre a importância do seu trabalho para com o futuro da sociedade; desconhecem que de fato estamos lidando com formação de cidadão.

BRESSANI (2007), ressalta que, “*Está faltando coletivamente maturidade para viver a vida realisticamente. Falta o desenvolvimento de valores morais e éticos na relação com a vida e, conseqüentemente, na relação com as pessoas*”. (p, 02).

O que temos percebido é que muitos profissionais no desempenho de suas atividades não conseguem desenvolver uma boa relação com o seu colega de trabalho; a maioria possui um pensamento egocêntrico, não gostam de compartilhar suas idéias e tampouco querem ouvir a do outro; costumam fazer o seu trabalho, cumprindo aquilo que chamamos de obrigação.

A evolução da escola do séc. XXI é sem dúvida a valorização do *trabalho em equipe*. Segundo PERRENOUD (2000) “[...] *a escola caminha para a cooperação profissional*” (p, 79). No entanto temos que ressaltar que muitos dos seus profissionais

possuem o pensamento fragmentado, ou seja; preferem trabalhar “sozinhos”, não querem compartilhar suas idéias e nem aceitam as do outro.

Essa situação é considerada sem dúvida um grande conflito dentro do ambiente educacional; portanto saber e conseguir superá-lo é um grande desafio para os profissionais da educação que sem dúvida estão preocupados com o bem estar e com o bom resultado do seu trabalho; pois prezam e valorizam sentimentos de amor, respeito com as diferenças, valorização do outro, e buscam através de suas atitudes maneiras e competências novas para ensinar. Isso sem dúvida só será possível através de um bom relacionamento interpessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o processo de investigação bibliográfica realizada por meio de leituras, pude constatar a relevância da ética como pré-requisito na formação inicial e continuada do profissional da educação; tendo em vista que a mesma proporciona reflexões que podem auxiliar ou até mesmo modificar nossas ações no mundo.

Esse trabalho contribuiu para repensar sobre as questões éticas na educação pública e também privada, levando o profissional a superar conflitos oriundos de relacionamento interpessoal e outras dificuldades que permeia o cotidiano da educação.

Sabemos que a educação é o principal instrumento de formação social, pois participa de uma boa parte do desenvolvimento do indivíduo; nesse sentido, o profissional da educação possui um papel fundamental no processo. Para isso é relevante que o mesmo tenha consciência de suas ações para com o outro.

Observa-se que o Sustentáculo da Educação para o séc. XXI está baseado em quatro pilares, que se define em: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos. Um não se define sem o outro; ou seja, estão estritamente ligados. O indivíduo precisa estabelecer conexões com o outro para que se consiga desenvolver toda essa proposta.

Viver é conviver; assim aprender a viver e a conviver junto se tornou um grande desafio para a atual sociedade, especialmente na educação. O homem caminha para uma visão compartilhada, é relevante que tenhamos consciência da importância do outro para

a nossa vida. Afinal, não nos definimos como “eu e o mundo”, mas sim como “eu sou um pedaço desse mundo”; uma parte que precisa de outra para ser completa.

Diante dessa questão concluímos que conviver com o outro é uma das maiores capacidades de desenvolvimento humano; por isso urge então, a necessidade de intensificar os estudos sobre ética nos cursos de formação de professores, tendo como principal objetivo despertar nesses profissionais a importância de reconhecimento do outro como parte fundamental em nossas vidas. Por isso na SÍNTESE (2003) e reflexões extraídas da 46ª Conferência Mundial de Educação realizada pela UNESCO em 1990, na Tailândia, foi ressaltado que primeiramente “[...] a educação deve ajudar-nos a descobrir nós mesmos. Só então poderemos, verdadeiramente, nos colocar no lugar dos outros e compreender suas reações” (2003, p. 36). Este sem dúvida é o maior desafio para a educação do séc. XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Mário. *A importância da ética na formação de recursos humanos*. (s.l.): 1997, 61 p. Disponível em http://www.alencastro.pro.br/textos/textos_etica_rh.htm. Acesso em 23, out. 04.

ANTUNES, Ângela. PADILHA, Paulo Roberto. *O eu e o outro compartilhando diferenças, construindo identidades*. Disponível em: <http://www.kinderland.com.br/anexo%5C1092005027654.doc>. Acesso em: 29, ago. 2007.

APRENDER a viver juntos: Nós falhamos? Síntese das reflexões e das contribuições extraídas da 46ª Conferência Internacional da Educação da UNESCO. Brasília: Unesco, IBE, 2003. Disponível em: http://www.unesco.org.br/publicações/livros/fracassamos/mostra_documento. Acesso em 15, Jun. 2007.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.

ARISTÓTELES. (s.l) 2p. Disponível em <http://www.suapesquisa.com/aristoteles>. Acesso em 13, mar. 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRESSANI, Maria Aparecida. *O resgate do amor e da ética nas relações*. Disponível em: <http://ruben.zevallos.com.br/2004/1/22/pagina1123.htm> . Acesso em 19, jul. 2007.

COBRA, Rubem Q. *Existencialismo*. Disp. [http://www.cobra.pages.nom.br.\(s.l.\)](http://www.cobra.pages.nom.br.(s.l.)). Acesso em 06, abr. 2005.

CODO, Wanderley (coordenador). *Educação: carinho e trabalho*. 3. ed. Petrópolis:Vozes, 1999.

COSTA, Wellington Soares da. *Humanização, relacionamento interpessoal e ética*. Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/v11n1art2.pdf> . Acesso em 25, maio. 2007.

EDUCAÇÃO ao longo da vida. Disponível em <http://www.espirito.org.br/portal/artigos>. 2 p. Acesso em 18 Agosto, 2005.

ÉTICA, breves anotações.(s.l). Disponível em <http://www.suigeneris.pro.br/filoetica>. 13 p. Acesso em 12, mar. 2005.

ÉTICA e educação. (s.l). 2 p. Disponível em <http://www.suigeneris.pro.br>. Acesso em 15, jan. 2005.

ÉTICA profissional. (s.l) 9 p. Disponível em <http://tpd2000.vilabol.uol.com.br/etica2.htm>. Acesso em 08, nov. 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história para a educação*. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 25, ago. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

HERMANN, Nadja. *Pluralidade e ética em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAGALHÃES, Lucila Rupp de. *Relações interpessoais no cotidiano e aprendizagem*. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrid=94> . Acesso em 05, out. 2007.

MEKSENAS, Paulo. *O lugar da ética no trabalho do professor*. 2 p. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc.meksenas.htm>. Acesso em 16, jun. 2005.

MESQUITA, José Carlos S. de. *Ética e sociedade: em busca de uma ética universal*. 5 p. Disponível em <http://www.pedagogia.pro.br/filosoedul.htm>. (s.d.). Acesso em 15, jan. 2005.

MEDEIROS, Maria Isolete Amaro. *A ética nas relações pedagógicas: representações e significações ao trabalho docente*. (s.d). 8 p. Disponível em <http://www.unifra.br/professores>. Acesso em 23, jul. 2005.

O EXISTENCIALISMO básico. (s.l.) Disponível em <http://www.geocitus.com> . (s.d.). Acesso em 10, mar. 2005.

O QUE é Autoconhecimento? Disponível em: <http://www.neinaiff.com/autoajuda/autoconhecimento.htm>. Acesso em 20, jun. 2007.

PERRENOUD, Philippe. *Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão* In. *Dez novas competências para ensinar*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PLATÃO. (s.l). 2 p. Disponível em <http://www.suapesquisa.com./platao>. Acesso em 12, mar. 2005.

RELAÇÕES humanas e ética – Competências básicas para o trabalho. Governo de Minas. Disponível em: http://www.social.mg.gov.br/orientação_trabalho/download_orientacao/castilhas/relações_humanas_ética.pdf . Acesso em 29, out. 2007.

SÁ, Antonio Lopes de. *Ética profissional*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

SAVATER, Fernando. *Viver juntos*. In: As perguntas da vida. Disponível em: http://biucproject.org/general/philosophy_living_together.htm. Acesso em 16, Maio 2007.

SÍNTESE das reflexões e das contribuições extraídas da 46ª Conferencia Internacional da Educação da UNESCO: aprender a viver juntos: nós falhamos? Brasília: Unesco, IBE, 2003. Disponível em: http://www.unesco.org.br/publicações/livros/fracassamos/mostra_documento. Acesso em 15, Jun. 2007.

SOFISTE, Juarez. *Ética e filosofia na educação fundamental*. .(s.l). Disponível em http://www.eticaefilosofia.ufjf.br/6_2_juarez.htm. Acesso em 15, jan. 2005.

SOUZA, Daniele. BASTOS, Luciana. *A questão da ética nas relações interpessoais*. Belém, 2002. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/biddigital/monografia/etica_relacoes_interpessoais.pdf . Acesso em 28, set. 2007.

TEIXEIRA, Christiane Burkett. *Ressignificação da identidade do professor na formação docente*. 8 p. Disponível em <http://www.presidentecennedy.br/rece/trabalhos>. Acesso em 14, ago. 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. 10.ed. São Paulo: Libert, 2003.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Trad. João Dell’Anna. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.